

## **A Imprensa maranhense e o golpe empresarial-militar de 1964**

Manoel Afonso Ferreira Cunha<sup>1</sup>

**RESUMO:** a seguinte pesquisa objetiva contribuir com a incipiente produção historiográfica maranhense sobre a História Contemporânea do Brasil, em especial sobre o golpe empresarial-militar de 1964 e os anos de ditadura que se seguiram. Sendo assim, torna-se de suma importância analisar a ressonância desses fatos históricos no Estado do Maranhão. Portanto, este trabalho tem por objetivo refletir sobre o posicionamento institucional da grande imprensa de São Luís em relação ao golpe que destituiu o então presidente João Goulart. Para isso, serão analisados os editoriais e/ou reportagens contidos nos principais periódicos da capital maranhense em circulação na época.

**Palavras - Chave:** João Goulart; Golpe; Ditadura

### **INTRODUÇÃO**

Os estudos históricos sobre o governo João Goulart, o golpe de 1964 e a ditadura são de suma importância para a compreensão da história contemporânea do Brasil. Importante verificar que esses três processos políticos devem ser compreendidos em unidade, pois para que entendamos o que foi a ditadura empresarial-militar, faz-se justo analisarmos as questões de médio prazo inerentes às disputas políticas, sociais e econômicas no governo Jango.

A seguinte pesquisa objetiva contribuir com a incipiente produção historiográfica maranhense sobre a História Contemporânea do Brasil, em especial sobre o golpe empresarial-militar de 1964 e os anos de ditadura que se seguiram. Sendo assim, torna-se de suma importância analisar a ressonância desses fatos históricos no Estado do Maranhão. Portanto, este trabalho tem por objetivo refletir sobre o posicionamento institucional da grande imprensa de São Luís em relação ao golpe que destituiu o então presidente João Goulart. Para isso, serão analisados os editoriais e/ou reportagens contidos nos principais periódicos da capital maranhense em circulação na época.

---

<sup>1</sup> Graduando do 8 Período do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea - NUPEHIC/ UEMA. Bolsista FAPEMA pelo projeto *Publicizando o Acervo Documental sobre História Contemporânea Brasileira Presente no Maranhão (1964-1985)*, coordenado pela Prof.Dr Monica Piccolo Almeida (UEMA).

## **GRAMSCI: OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A LUTA POR HEGEMONIA**

Como balizamento teórico desta pesquisa temos as elaborações formuladas pelo filósofo italiano Antonio Gramsci. Conceitos como Hegemonia, Sociedade Civil, Sociedade Política, Consenso, Hegemonia nortearão a pesquisa. Sendo assim, convém ressaltar a importância do debate em torno da utilização dos meios de comunicação na construção de consensos na sociedade.

O Estado ampliado, segundo Antonio Gramsci, consiste na união entre sociedade civil e sociedade política, isto é, na ampliação dos espaços de luta de classes. Assim, a sociedade civil, a partir de seus aparelhos privados de hegemonia (sistema escolar, meios de comunicação, partidos políticos, sindicatos, sistema jurídico, Igreja, movimentos sociais, entre outros) se constitui como espaço de hegemonia.

A partir disso, é importante refletir sobre o protagonismo dos meios de comunicação na função de construção de consenso em uma sociedade. Aquilo que então é publicado nos jornais, na ótica gramsciniana, visa reverberar os interesses das classes dominantes em detrimento das classes trabalhadoras. Isto é, os jornais assumem a função de partidos políticos, de organizadores da vontade coletiva em torno de um projeto político-ideológico elaborado por uma classes ou por uma coalizão de classes.

É neste campo que vai existir a possibilidade de universalização de um projeto de classe, ou de frações de classe. Será na sociedade civil que as classes dominantes poderão se tornar dirigentes, isto é, quando elas se tornam núcleo do Estado restrito. Partindo desta perspectiva de meios de comunicação, apresentados aqui como aparelhos privados de hegemonia, que vamos problematizar sobre a função dos jornais durante o governo de João Goulart e, principalmente, sobre as interpretações a respeito do golpe empresarial militar de 1964.

### **O GOLPE EMPRESARIAL-MILITAR DE 1964 E A IMPRENSA DO MARANHÃO**

No caso do Maranhão, em especial de sua capital São Luís, existiram sete grandes jornais em circulação durante o ano de 1964. *O Jornal do Dia*, *O Imparcial*, *Jornal do Povo*, *Jornal Pequeno*, *Correio do Nordeste*, *Jornal do Maranhão* e *Diário da Manhã* formavam a grande imprensa escrita local. A maioria dos periódicos demonstraram bastante alinhamento aos interesses daqueles que estavam chegando ao poder naquele momento, como poderemos ver a seguir.

O jornal *O Imparcial* é um periódico de grande circulação no Estado do Maranhão, um dos poucos a funcionar até os dias de hoje. De caráter noticioso, fundado em 1º de maio de 1926, tendo J.Pires como diretor. Tornou-se, mais tarde, órgão dos Diários Associados, grande conglomerado da comunicação ligado a Assis Chateaubriand. Pires Saboia (Deputado Federal pela ARENA na legislatura de 1967-1971) foi seu diretor geral no ano de 1964.

A partir da análise de seus gestores no período do golpe de 1964, *O Imparcial*, como fica claro, apresentou-se como um jornal a serviço das classes dominantes no Maranhão, e que estavam predispostas a elaborar estratégias de argumentação e persuasão em consonância ao quadro político daquele momento.

O texto assinado por Eugenio Gudin classifica as ações do governo Goulart como prerrogativas de um "golpe branco"

"O Brasil apresenta, nos dias que ocorrem, um panorama político 'sui generis', o de um presidente substancialmente eleito por um partido conservador majoritário (PDS), que uma vez conquistado o poder, trai a plataforma com que se apresentou e os brasileiros que o elegeram, transmudando em governo revolucionário." (O Imparcial, 1º Abril de 1964)

A matéria ainda traz uma comparação entre as "intenções" que Jango teria de uma revolução comunista no Brasil com os movimentos político-militares instaurados na Alemanha de Hitler e na Cuba de Fidel Castro

O autor também ressalta a vocação da política brasileira para a instauração de "golpes brancos" (Queda do Imperador em 1889, Revolução de 1930, derrubada de Vargas em 1945). Fala-se de uma delicadeza do povo brasileiro para justificar a falta de reação da população perante importantes acontecimentos políticos. Segundo o texto, o objetivo do então presidente João Goulart era eliminar o congresso sem antes dissolvê-lo.

O jornal traz no dia 1º de abril uma matéria de capa falando da atuação de "forças democráticas", coalizão de civis e militares que participou da deposição do de Jango. O golpe é classificado como um movimento de "resgate democrático".

Outro importante periódico em circulação durante o ano de 1964 foi o *Jornal do Dia*. Jornal de caráter político. Surgiu inicialmente com colunas variadas, como: Boletim

esportivo, cinemas e teatros. Mercados e cotações, dentre outras. Teve como primeiro diretor, Arimathéa Athayde e, gerente, Renato Carvalho<sup>2</sup>.

A partir de 1955, o título passou a ser *Jornal do dia: alma e pensamento da cidade*. Em 1960, inaugurou uma nova fase. Após a mudança de alguns diretores, em 1967, ficou sob a direção do senador Clodomir Millet (PSP/ ARENA-MA). Em 1969, já sob a direção do Dep. Arthur Carvalho (ARENA-MA), o jornal trazia inúmeras reportagens sobre os feitos do então governador José Sarney. Posteriormente foi substituído pelo jornal *O Estado do Maranhão*<sup>3</sup>.

Durante o primeiro mês pós golpe civil-militar o jornal do dia endossava a categoria de periódicos locais que saudavam a "Revolução Democrática" e o espírito ordeiro das forças armadas. Como exemplo disso, temos a matéria de 5 de Abril de 1964, assinada por Paulo Nascimento Moraes, e intitulada "O caminho a ser percorrido", que fala da "inauguração" de uma nova fase da vida político-administrativa do país. O jornalista ainda destaca o papel contemplador do povo brasileiro, que foi um "assistente atento" de uma "ação rápida e dominadora" das forças armadas.

"Está o país, assim nos parece, 'inaugurando' uma nova na sua vida político-administrativa. A chamada 'revolução democrática', também nos parece estar vitoriosa. Articulada pelos governadores Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e Adhemar de Barros, e com apoio, que se fez logo sentir, das forças armadas, atingindo a plenitude de uma ação rápida e dominadora." (Jornal do Dia, 5 de Abril de 1964)

O *Jornal do Maranhão* era outro periódico deste grupo de jornais em favor da coalizão civil-militar golpista em 1964. Fundado por Luís Felipe Ferreira da Silva, e dirigido por Joaquim R. Mendonça Ferreira da Silva, o *Jornal do Maranhão* era de essência católica, que se dizia a serviço da família e do povo. Divulgava notícias religiosas vindas de todo o Brasil e de outros países. A partir de 1957, sob a direção do Pe. Antonio Bezerra Bonfim, o jornal diversificou-se trazendo notícias sobre política, esporte e uma coluna feminina.<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup>SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 170.

<sup>3</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 171.

<sup>4</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 174-175.

Podemos notar o claro posicionamento institucional em matéria do dia 3 de Abril de 1964:

"... por que restituíram a paz e a segurança ao povo brasileiro  
... porque não concordaram com a sovietação do Brasil  
... porque não se conformaram com a baderna que levaria fatalmente ao caos" (Jornal do Maranhão, 3 de Abril de 1964)

Portanto, logo após o golpe, o jornal do maranhão traz matérias que criticam o diálogo entre católicos e comunistas, além de exaltar abertamente os "gorilas". Estes considerados os restituidores da paz e da segurança do povo brasileiro.

Ainda neste grupo de jornais, temos o *Diário da Manhã*. Jornal de propriedade de Newton Bello, surgido em 25 de maio de 1958. Tinha objetivo de debater os problemas que interessassem ao Estado, à sua economia e a sua política. Dizia não ser filiado a nenhuma facção política, apesar de estar claro, tratar-se de um jornal de direita, por pertencer a um integrante do PSD (Partido Social Democrático) - legenda do senador Vitorino Freire. Apesar de o grande destaque ser a política, trazia colunas literárias com José Chagas, Bernardo Coelho da Silva e Domingos Vieira Filho<sup>5</sup>.

Aos domingos possuía suplementos de Economia-Produção-Finanças, Páginas femininas. Nos meses de movimentação política, enfocava os candidatos do PSB e coligados. No ano de 1960, destacava-se a coluna de Nelson Rodrigues "A vida com ela é". Em 7 de setembro de 1966, mudou seu subtítulo para Nova Hora, que foi inspirado pela condição caótica que o jornal via o Maranhão, política e economicamente, mas esperançoso que tal situação pudesse mudar<sup>6</sup>.

Jornal de aberto apoio aos golpistas, dando ênfase aos feitos daqueles que conspiraram e instauraram um estado de exceção, mas que na percepção das matérias apenas resgataram a democracia perante a baderna vermelha. De longe, o *Diário da Manhã* foi o jornal mais expressivo no apoio aos novos donos do poder a partir de abril de 1964. Em editorial do dia 2 de abril intitulado "Nossa Posição", o diário da manhã ressalta o "alto espírito cívico e patriótico de nossas gloriosas forças armadas":

---

<sup>5</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 183.

<sup>6</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 183.

O *Correio do Nordeste* é o último daqueles jornais em circulação no Estado do Maranhão, em especial na capital São Luís, que fazia coro com as frações de classe que haviam destituído João Goulart e instaurado uma ditadura civil-militar. Periódico que se dizia independente, sem teor político-partidário, possuía colunas de informação sobre economia, política, esporte e destaque para algumas cidades do interior.

Teve com fundador Zuzu C. Nahuz, sendo o mesmo, diretor-responsável. O secretário era Alfredo Galvão e o redator, Ivaldo Guimarães Torreão. Em 1964, Amaral Rapozo passou a ser redator-chefe. Um ano depois, com a morte de Zuzu Nahuz, o periódico passou a ser de propriedade de Maria M. Torres Nahuz, e Amaral Rapozo assumiu a direção do Jornal<sup>7</sup>.

Em editorial do dia 5 de abril de 1964 intitulado "Benditos 'gorilas', os 'gorilas' brasileiros", exalta-se a capacidade das forças armadas brasileiras de sempre restaurarem a ordem e a segurança nacional, no entanto, o editorial destaca que os militares brasileiros se diferem dos "gorilas" latino-americanos que se instauraram no poder com intuito de se perpetuarem no mesmo.

O *Correio do Nordeste* se apresentou, durante o período do golpe civil-militar, como um jornal em prol dos interesses daqueles que chegavam ao poder, já que em várias matérias são exaltadas as benesses da dita "Revolução".

Como foi visto anteriormente, havia a necessidade da construção de um consenso na sociedade maranhense, em especial nas classes subalternas. O projeto político-ideológico que estava se tornando hegemônico naquele momento estava a serviço de frações de classes que visavam a permanência no poder em detrimento do alto nível de politização adquirido pelas classes trabalhadoras na década de 1960.

Na concepção de Antonio Gramsci, a sociedade civil é o espaço da luta de classes, da busca de aliados para os projetos hegemônicos e contra-hegemônicos. Neste contexto, a imprensa, dentro do âmbito dos meios de comunicação, constitui-se como um aparelho privado de hegemonia. Assim, abriremos este espaço para aqueles jornais que procuraram seguir o caminho da crítica, do embate à ação golpista exercida em 1º de Abril de 1964.

Existiram apenas dois jornais no Estado do Maranhão que se mostraram contrários a ofensiva autoritária que inauguraria um regime de exceção no Brasil. O primeiro deles foi o

---

<sup>7</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 183.

*Jornal Pequeno*, o outro era conhecido como *Jornal do Povo*. Apresentaram-se assim como outra alternativa de divulgação e interpretação dos fatos ocorridos nos idos de março e abril de 1964.

O *Jornal Pequeno* nasceu em 1947, com o nome de *O Esporte*, em 1951, mudou seu nome para *Jornal Pequeno/ O Esporte*, conservando-se um jornal essencialmente esportivo. Com o passar do tempo, o jornal se tornou noticioso e crítico, passando a apresentar um panorama nacional, com pequenas notícias sobre alguns estados e colunas relacionadas a cinema, agricultura e pecuária, assim como, notícias de esporte<sup>8</sup>.

Com os anos, é possível perceber o caráter nitidamente político desse periódico. Diário de orientação popular, tendo como diretor José Ribamar Bogéa e gerente, Quintino Bogéa. Atualmente, permanece sendo um jornal diário com colunas diversificadas, mas tendo destaque as denúncias políticas. A diretora-presidente é Hilda Marques Bogéa<sup>9</sup>.

Em matéria publicada no dia 31 de março de 1964, o jornal pequeno traz, na íntegra, a opinião do então governador do Rio Grande do Sul Leonel Brizola sobre o comício da Central do Brasil. Era estabelecida, portanto, uma alternativa para opiniões de repúdio ao golpe e em favor de Jango, ressaltando suas ações "democráticas", expressadas na capacidade de estabelecer um diálogo com o povo, e em especial com as classes trabalhadoras.

O jornal, durante o período do golpe empresarial-militar, abre bastante espaço para matérias e editoriais relacionados aos movimento de trabalhadores e das classes subalternas das forças armadas, assim como daqueles que promoveriam e defenderiam uma resistência em favor de Jango.

"Agoniza o regime da liberdade no Brasil": O movimento político-militar de 1º de abril é classificado como um golpe da direita e dos seus interesses. Junto dos representantes das armadas, Magalhães Pinto é apresentando como um dos mentores do golpe ao lado do governador da Guanabara Carlos Lacerda.

O outro jornal de postura crítica ao golpe civil-militar de 1964 foi o *Jornal do Povo*. Primeiro, sob a direção de José Neiva de Sousa e, algum tempo depois, passou a ser

---

<sup>8</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007

<sup>9</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 160-161.

comandado por Neiva Moreira. Esse jornal fazia oposição ao senador Vitorino Freire<sup>10</sup> e seu grupo. Denunciava o vitorinismo como sendo um regime oligárquico que exercia um total controle da máquina do Estado, praticava o voto de cabresto, o autoritarismo e a corrupção desenfreada. A folha também se destacava pela defesa intransigente de uma linha nacionalista para a economia do país, ao mesmo tempo em que lançava ácidas críticas ao comunismo. Logo após o golpe de 1964 sai de circulação<sup>11</sup>.

O *Jornal do Povo* traz na capa do dia 31 de março o título: "UNIÃO DOS SOLDADOS AO POVO para barrar reacionários", dando grande destaque a reunião dos sargentos no automóvel club em São Paulo. o jornal ainda destacou que o discurso de João Goulart no evento fazia denuncia à conspiração do IBAD e dos setores econômicos contrários as reformas defendidas pela então presidente.

Em todos os cantos da cidade onde o problema está em evidencia existe um repulsa geral contra os golpistas nacionais que tentaram se apoderar do país e colocar as Forças Armadas contra os trabalhadores. (Jornal do Povo, p.04, 3 de Abril de 1964)

Em outra matéria intitulada "Reforma ou constituinte", o jornal faz boas referências em relação a caminhada do país no rumo da justiça social. Nela ainda se fala de uma "Revolução anti-imperialista e anti-feudal", e aqueles que são contrários, que procurem buscar as vias pacíficas.

Em texto do mesmo dia por título "O que fazer", o então diretor responsável do Jornal Pequeno, Neiva Moreira, versa sobre o clima de euforia vivido no país após a divulgação das propostas reformistas de João Goulart. O texto fala de um sentimento de "agora sim" do povo brasileiro perante as ações populares de Jango. Em outra matéria, ainda é falado das campanhas de terrorismo ideológico contra Jango.

Logo após o golpe, em manifesto divulgado pelo jornal do povo no dia 3 de abril, é ressaltada a ação badernista dos "gorilas" no país, em contraposição as reformas propostas pelo presidente deposto João Goulart.

---

<sup>10</sup> Um dos grandes oligarcas do Maranhão, anterior a José Sarney.

<sup>11</sup> SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007.**--- São Luís: edições SECMA, 2007, p. 166-167.

## À GUIZA DE CONCLUSÃO

A discussão sobre o golpe de 1964 transcende as discussões relativas ao caráter personalista ou aquele baseado nas grandes estruturas. É importante também apontarmos as diferenças de pensamento enquanto a essência do golpe, daqueles que o elaboraram e de quem assumiu os cargos de poder após a saída de João Goulart da presidência do Brasil.

Logo, foi possível perceber que o posicionamento institucional da grande imprensa maranhense foi em favor do projeto político ideológico hegemônico que estava sendo instaurado com a derrubada de João Goulart e os anos de ditadura que se seguiram. No entanto, também é perceptível uma postura contra hegemônica de parte dos meios de comunicação em relação a ofensiva autoritária de Abril de 1964, a partir da adoção de uma postura crítica em relação aos golpistas, além de clamar a união do povo contra o autoritarismo.

## REFERÊNCIAS

### Fonte Primária (Jornais)

**Correio do nordeste** (Exemplares de Março e Abril de 1964) Documentos acondicionados na Biblioteca Pública Benedito Leite. São Luís-MA.

### Bibliografia

ABREU, Alzira Alves de. **A imprensa e seu papel na queda de João Goulart**. CPDOC, 2006.

[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/A\\_imprensa\\_e\\_seu\\_papel\\_na\\_queda\\_de\\_Goulart](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/artigos/NaPresidenciaRepublica/A_imprensa_e_seu_papel_na_queda_de_Goulart)

ALMEIDA, Jorge. **A relação entre mídia e sociedade civil em Gramsci**. Revista ComPolítica, n.1, vol. 1, ed.março-abril, ano 2011.

BRAVO, Guilherme Pigozzi. **O Partido Impresso: Imprensa e Hegemonia no pensamento político de Antonio Gramsci**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011 12

SECMA. **Catálogo de jornais maranhenses do acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite: 1821-2007**.--- São Luís: edições SECMA, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **João Goulart: entre a memória e a história**/ coordenação Marieta de Moraes Ferreira.- Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas – A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. São Paulo: Ática, 1987.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**, vol. 3. Maquiavel e a Política do Estado Moderno (caderno nº 13). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MELO, D. B. . **Ditadura 'civil-militar'? : controvérsias historiográficas sobre o processo político brasileiro no pós-1964 e os desafios do tempo presente**. Espaço Plural (Marechal Cândido Rondon. Online), v. 27, p. 39-53, 2012.

MOREIRA ALVES, Márcia Helena. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Editora Vozes, 2ª edição, 1984.

MORAES, Denis de. **A comunicação na batalha das ideias**. ACESSA.com Gramsci e o Brasil. revista eletrônica. <http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1079>

SKIDMORE, Thomas. **Brasil de Castelo a Tancredo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História Militar do Brasil**. Editora Expressão popular, São Paulo, 2010.